

A MANIFESTAÇÃO DO INSÓLITO E SUA RELAÇÃO COM O MEDO NO VISCONDE E NO CAVALEIRO, DE ITALO CALVINO

Helen Cristine Alves Rocha (CAPES/ILEEL/UFU)
helen-c@bol.com.br

RESUMO: O medo é um sentimento que assola todo ser vivente. Ele nos ameaça física e psicologicamente, podendo surgir daquilo que conhecemos ou não. Assim, podemos afirmar que o insólito é um elemento causador de medo justamente por não ser objeto de nossa experiência. Por isso, sabendo que em algumas narrativas fantásticas a ação da leitura pode gerar o sentimento de medo, e o “inquietante”, de Freud (2010), este artigo tem como tema analisar o tratamento do insólito e como ele é um elemento causador de medo, a partir do corpo de dois personagens de Italo Calvino: o Visconde e o Cavaleiro, presentes nos livros *O Visconde Partido ao Meio* e *O Cavaleiro Inexistente*. Pretendemos, ainda, investigar que sentidos o insólito desencadeia no contexto narrativo, verificando as imagens que são formadas a partir dele. Para tal fim, tomaremos como fundamentação teórica obras que tratam da especificidade da literatura fantástica, elegendo como obras básicas para sua compreensão os estudos de David Roas (2001), Filipe Furtado (1980), Lenira Marques Covizzi (1978) e Howard Phillips Lovecraft (1987). Para os estudos sobre o medo e o sentimento “inquietante”, elencamos Freud (2010), Zygmunt Bauman (2008) e Jean Delumeau (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Insólito; Medo; Inquietante; Visconde; Cavaleiro.

INTRODUÇÃO

O medo é um sentimento conhecido por toda criatura existente e viva. Os animais conhecem o medo como uma emoção que indica perigo e é necessária para a sobrevivência, mesmo que sua frequência e intensidade varie muito entre as espécies. Geralmente, eles fogem ou agredem diante desse sentimento. Os seres humanos, por sua vez, experimentam o medo subjetivamente, um medo que guia seu comportamento quer haja, ou não, efetivamente uma ameaça. Diante do perigo, de uma situação de insegurança, tendemos ao sentimento do medo. Somos perseguidos pelo medo, seja o medo universal da morte; o provocado pelo caos do meio ambiente; pelas novas tecnologias e armas nucleares; ou mesmo o medo daquilo que não podemos ver nem tocar, como fantasmas e assombrações.

Para Bauman (2008), medo é o nome que damos à nossa incerteza, nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito, do que pode e do que não pode, para fazê-

la parar ou enfrentá-la, se destruí-la não estiver ao nosso alcance. Para o autor citado, o medo é “mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível” (BAUMAN, 2008, p. 8), quando a ameaça que tememos pode ser vislumbrada, mas não podemos vê-la. Febvre, citado por Bauman (2008), vinculava a ubiquidade do medo à escuridão, pois nela tudo pode acontecer, o que virá é imprevisível e é onde habita a incerteza.

O medo, portanto, é causado por aquilo que nos ameaça física e psicologicamente, ou por aquilo que não conhecemos em nossa realidade e, desse modo, não temos domínio, não conseguimos racionalizar. Isso posto, podemos afirmar que o insólito, elemento empregado na literatura fantástica, é um dispositivo estético causador de medo, aflição, justamente por ser a representação daquilo que não conhecemos empiricamente. À vista disso, considerando-se que em algumas narrativas fantásticas o efeito da leitura exerce um papel fundamental em sua relação com o medo, e com o sentimento “inquietante”, usando a terminologia de Freud (2010), temos como objetivo investigar a manifestação do insólito e a sua relação com o sentimento de medo, de angústia, e com o inquietante, procurando entender de que maneira ele se constrói a partir do espaço-corpo do Visconde e do Cavaleiro, protagonistas de Italo Calvino, presentes nos livros *O Visconde Partido ao Meio* e *O Cavaleiro Inexistente*. Pretendemos, ainda, investigar quais efeitos são desencadeados pelo insólito no contexto narrativo, pois o corpo do Visconde e do Cavaleiro é o espaço de onde emerge o insólito e por meio do qual irrompem outros espaços fantásticos.

Por tudo já arrolado, a execução deste trabalho se justifica pela ausência de trabalhos mais consistentes sobre o medo a partir dos dois livros de Italo Calvino. Além disso, em nosso estudo, consideramos a seguinte tendência do fantástico: poder levar o homem a conhecer a si e ao mundo que o rodeia, propiciando-lhe outro modo de olhar para sua realidade imediata. No caso das narrativas elencadas como *corpus*, os corpos dos protagonistas funcionam como espaços primordiais de irrupção do fantástico e, por isso, estudamos o insólito e sua realização no espaço-corpo dos personagens das duas obras de Italo Calvino, e sua relação com a manifestação do sentimento inquietante e de medo. É importante ressaltar que este autor é um dos mais importantes escritores italianos do século

XX, consagrado pela tradição. Ademais, ele soube contribuir com a forma de refletir sobre o mundo e a pós-modernidade por meio dos seus ensaios e através de seus protagonistas insólitos.

LIAME DO MEDO COM O INSÓLITO

Em termos clínicos e fisiológicos, o medo é definido por Delumeau (2007, p. 39) como sendo “uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente.” Dependendo das pessoas e circunstâncias, a emoção do medo libera uma energia não habitual e a dissemina por todo o organismo. O autor ainda relata que tanto a energia gasta em relação à manifestação exterior quanto à experiência interior, a energia liberada é “uma reação providente de legítima defesa, mas que o indivíduo não usa sempre de modo consciente.” (DELUMEAU, 2007, p. 39) O medo é causado, portanto, por algo que nos surpreende e nem sempre se torna um perigo consciente.

Assim, o medo que propomos estudar e analisar neste artigo é aquele provocado pelo insólito, o desconhecido. Ou seja, aquilo que é provocado por algo incomum, inexplicável, sobrenatural, incompreensível, extraordinário. O insólito que vamos estudar é manifesto no corpo de dois protagonistas de Italo Calvino, o Visconde e o Cavaleiro. O primeiro está presente no livro *O Visconde Partido ao Meio* e o segundo em *O Cavaleiro Inexistente*. Para tal fim, iremos analisar como se constrói o corpo desses protagonistas, o que eles representam metaforicamente dentro das narrativas. No Visconde, tanto sua metade boa quanto a má provocavam medo nas pessoas com quem conviviam, pois lhes causavam danos. “As vítimas eram sempre pobres que tinham discutido com o visconde por causa de alguma de suas sentenças cada vez mais severas e injustas ou de tributos que havia duplicado.” (CALVINO, 2011, p. 38) Até sua parte boa tornou-se insuportável: “os leprosos não o suportavam. [...] Com aquela exígua figura rígida numa perna só, vestida de negro, cerimoniosa e distribuindo regras, ninguém podia fazer o que lhe apetecia sem ser recriminado em praça pública, suscitando malignidade e despeito.” (*idem*, p. 86)

O Cavaleiro, por sua vez, provocava medo por ser invisível e poder fazer o que bem entendesse, por conhecer mais que todos sobre batalhas e exércitos, e por ser forte, preciso, perfeito nas batalhas. “A menor falha no serviço dava a Agilulfo a mania de

controlar tudo, encontrar outros erros e negligências na ação alheia; sofria duramente por tudo o que era mal feito, que estava fora do lugar.” (CALVINO, 2005, p. 14) Todo o exército lhe respeitava e podemos perceber isso quando ele sai atrás da donzela que salvara para comprovar a autenticidade de seus títulos: sua ausência “foi considerada digna de silêncio como por entendimento geral.” (*idem*, p. 71)

Mais que isso, ambos são figuras que não temem a morte nem o perigo e que ocupam um lugar de controle sobre as pessoas com quem convivem. Medo que sustenta seus vínculos civis e que impõe o cumprimento de suas vontades, que valida os contratos sociais. O Visconde, por assumir o papel de assessor do rei na ausência do titular, comanda seus territórios e as vilas próximas ao seu castelo, além de comandar a justiça mandando pessoas para prisão e para força quando lhe desagradavam. O Cavaleiro comandava o exército da França e interferia em cada detalhe do acapamento observando as refeições, os estudos e os treinos. Assim, notamos o medo associado aos vínculos sociais e percebemos que há relações de poder que comandam nossas reações e nossa vida social e psíquica.

O medo do desconhecido é que pode vir em maior proporção quando os seres humanos são representados na ficção de modo diferente do que comumente vivenciamos, como o Visconde e o Cavaleiro. Um e outro estão dentro do que, segundo o dicionário, é humano, homem: “animal racional, que, por sua inteligência, pelo dom da palavra e pela história, ocupa o primeiro lugar na escala zoológica.” (FERNANDES, 1997, n. p.) Todavia, pela configuração de seus corpos, eles não poderiam viver socialmente: o Visconde foi fendido ao meio por uma bala de canhão e cada uma de suas metades volta para seu castelo e vive como se ele estivesse inteiro; o Cavaleiro não existe, mas é um soldado de guerra muito inteligente e perfeccionista. “– Como é que não mostra o rosto para o seu rei? [...] – Porque não existo, sire. [...] Agilulfo pareceu hesitar um momento, depois com mão firme e lenta ergueu a viseira. Vazio o elmo. Na armadura branca com penacho iridescente não havia ninguém.” (CALVINO, 2005, p. 9-10)

Carlos Magno, rei da França, começa a interrogar a identidade de cada um dos paladinos. Quando chega diante de Agilulfo, ele não acredita que aquele cavaleiro possa não existir e pede a prova. Agilulfo tem receio de não existir, de mostrar sua configuração corpórea, mas acaba abrindo a viseira de sua armadura. Isso, porém, causa um leve estranhamento em seu senhor, mas que passa logo, pois ele está mais preocupado com o

cumprimento do dever daquele paladino que, para ele, por estar em forma realmente existe. O Visconde, por outro lado, tem seu corpo violado por um canhão, o que o faz diferente de um ser que sempre foi invisível: “Entusiasta e inexperiente, [...] Saltou na frente da boca de fogo. [...] mandaram-lhe um canhão em pleno peito. Medardo de Terralba saltou pelos ares. [...] tudo o que havia de tórax e abdômen entre aquele braço e aquela perna, fora arrancado, pulverizado.” (CALVINO, 2011, p. 19-20)

Diferentemente do Cavaleiro, o Visconde era um soldado perfeito fisicamente, no sentido de ter os dois braços, as duas pernas e os dois olhos juntos em um mesmo corpo. Entretanto, era inexperiente e, por isso, acabou sendo partido ao meio por uma bala de canhão. Não costuraram “as metades” dele, mas partes fragmentadas de seu corpo. Por isso a primeira, a má, volta para Terralba primeiro e depois de um tempo a segunda metade também retorna. Os outros personagens se impressionaram com a meia metade do Visconde, mas logo se acostumaram e agiram como se nada tivesse acontecido. O Cavaleiro e o Visconde são causadores de medo, de angústia e de espanto por não se configurarem como pessoas comuns e por viverem como se fossem. Em nosso cotidiano não vemos pessoas com roupas vazias, e muito menos a metade de uma andando com uma muleta, porque isso é inconcebível, impossível em nosso mundo real¹.

O medo e o mal andam quase sempre juntos. Para Bauman (2008, p. 74), talvez sejam dois nomes de uma mesma experiência, “um deles se referindo ao que se vê e ouve, o outro ao que se sente. Um apontando para o ‘lá fora’, para o mundo, o outro para o ‘aqui dentro’, para você mesmo. [...] o que é o mal, nós tememos.” Entedemos, tal qual o autor, que esse mal não é respondível, porque chamamos de mal a iniquidade que não podemos entender nem articular claramente, nem explicar sua presença de forma satisfatória. Chamamos de mal por ser “ininteligível, inefável e inexplicável [...] Recorremos à idéia de ‘mal’ quando não podemos apontar que regra foi quebrada ou contornada pela ocorrência do ato para o qual procuramos um nome adequado.” (BAUMAN, 2008, p. 74-75) Para que tornemos algo como compreensível, domesticado, domado, precisamos ser capazes de decifrar o que o compõe como regras, caso contrário ele será chamado de “mal”. Esse “mal” não está nos domínios do compreensível, ele é invocado quando

¹ A noção de real que está sendo considerada é semelhante à de Filipe Furtado (1980), o qual considera que a literatura fantástica depende daquilo que acreditamos como real, e o real daquilo que conhecemos: nossa realidade cotidiana e empírica. Ou seja, aquilo que existe de fato, que é perceptível e/ou acessível.

precisamos, insistimos em explicar o inexplicável. Ele é nosso último recurso explicativo. Porventura podemos temer o “mal” de um homem invisível e outro que foi partido ao meio já que não temos respostas racionais para ambos, não podemos explicá-los satisfatoriamente, e nomeamos de “mal” aquilo que nos deixa confusos e que não está no campo de nossa experiência, de nossas explicações científicas.

Para Lovecraft (1987, p. 1), “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.” O medo nas narrativas em análise é provocado pelo Visconde e pelo Cavaleiro, uma vez que os corpos dessas personagens excedem nosso entendimento racional, tornando-os personagens insólitas. Entendemos por insólito aquilo “que carrega consigo e desperta no leitor, o sentimento do *inverossímil*, *incômodo*, *infame*, *incongruente*, *impossível*, *infinito*, *incorrigível*, *incrível*, *inaudito*, *inusitado*, *informal*.” (COVIZZI, 1978, p. 26, grifos da autora) Sentimento de incerteza quanto ao nosso real, de estranheza quanto ao novo. O insólito, como reforça a autora, não se transforma em rotina, porque não permite o padrão, mas seu contrário: é tudo aquilo que quebra com nosso real; que não imaginamos nem esperamos que acontecesse, que desloca o significado esperado sobre o que designamos empiricamente sobre a realidade. Para a autora citada, o insólito é uma disfunção.

Diante do Visconde e do Cavaleiro ficamos perplexos, confusos e desorientados já que são seres que nunca vimos, que fogem ao que estamos acostumados e à significação racional humana. O Cavaleiro é o melhor soldado de batalha, não erra uma flecha, conhece todas as guerras e situações do exército francês; tem na sua inexistência a prova de sua existência; os outros personagens escutam a sua voz que sai do nada, do vazio. O Visconde foi partido ao meio, mas isso não o matou, e nem mesmo o impediu de viver em seu castelo como antes; é uma espécie de duplo dele mesmo; tem uma metade boa e outra má. Ambos são personagens perceptíveis, acessíveis, mas não conseguimos explicá-los racionalmente. Por isso, eles podem nos causar uma impressão de medo por serem desconhecidos e, ao mesmo tempo, serem próximos ao que nomeamos de seres humanos. A partir do espaço de seus corpos pensamos em nossa finitude natural ou podemos refletir sobre aquilo que ameaça nossa integridade física e humana quando estamos com medo.

Nos livros de Calvino, a literatura fantástica pode propiciar uma leitura da sociedade, pois o Cavaleiro é invisível, mas é o mais perfeito soldado; ele fala, sabe

administrar os paladinos, tem seus títulos ameaçados por outro soldado, mas prova a veracidade de seu heroísmo. É a perfeição inexistente. O Visconde mostra o quanto as pessoas podem se tornar apáticas diante da maldade e igualmente atemorizadas diante da bondade; mostra que o ser humano é inteiro quando nutrido de suas metades: o bem e o mal. “Crianças perdidas no bosque, cheias de medo, eram abordadas pelo homem de muleta, que as conduzia para casa pela mão e lhes oferecia figos e bolinhos fritos; viúvas pobres eram ajudadas por ele a carregar lenha; cães picados por cobras eram tratados.” (CALVINO, 2011, p. 68) Já outra parte: “ao mesmo tempo as aparições do visconde meio enrolado no manto negro assinalavam acontecimentos terríveis: crianças sequestradas eram encontradas prisioneiras em grutas obstruídas por pedras; avalanches de troncos e rochas rolavam em cima das velhotas.” (*idem*)

Quando os sujeitos estão diante de personalidades extremas eles ficam desorientados. Segundo Delumeau (2007, p. 40), a psiquiatria distingue o medo de angústia, “pois o medo tem um objetivo preciso, que podemos enfrentar já que pode ser bem identificado”, e a angústia, ao contrário, “é uma espera dolorosa diante de um perigo tão temeroso que não se consegue ‘nomeá-lo’. É um sentimento geral de insegurança.” Por isso, quando sentimos angústia diante do Visconde e do Cavaleiro estamos diante do sentimento inquietante, daquilo que reconhecemos, mas não conseguimos nomear. Para Freud (2010), o sentimento inquietante está relacionado ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror no leitor, tendo em vista que seu significado geralmente equivale ao angustiante.

Logo, a angústia é um sentimento de incerteza, um desejo de satisfação e é própria da nossa condição humana. O comum não nos causa o inquietante e este só pode ser sentido mediante nosso reconhecimento do que é outro, do que está fora de nós, ou seja, em nossa realidade ficcional ou real. Freud (2010) partiu de dois caminhos para estudar o sentimento inquietante: explorou o significado que a evolução da língua depositou na palavra *unheimlich*; e, reuniu “tudo aquilo que, nas pessoas e coisas, impressões dos sentidos, vivências e situações, desperta em nós o sentimento do inquietante.” (FREUD, 2010, p. 331) Os dois caminhos levaram ao mesmo resultado: o inquietante é algo assustador que remonta ao que é há muito conhecido, familiar, mas que só é sentido mediante um reconhecimento de algo exterior e no qual há alguma coisa que lhe difere do

que era familiar. Freud (2010) aponta que é natural concluir que algo se torna assustador e inquietante por não ser conhecido.

Citado por Freud, Jentsch aponta que, para que surja esse sentimento, a condição é a incerteza intelectual: algo que nos deixa desarvorados. Similarmente, o Visconde e o Cavaleiro são seres humanos, são familiares, mas o que é acrescentado a eles é novo: um indivíduo partido ao meio, tendo uma metade boa e outra má que são independentes uma da outra; e um Cavaleiro que só existe enquanto uma armadura branca. Assim, tornam-se inquietantes quando não temos certeza se são ou não seres reais, e não conseguimos explicar racionalmente (nem precisamos) como podem viver e ter um ofício importante dentro da sociedade em que vivem. Por isso, os outros personagens que convivem com esses seres insólitos, e provavelmente os leitores da narrativa, experimentam a sensação de desorientação.

Segundo Jentsch, citado por Freud (2010, p. 341), um dos recursos mais seguros para criar efeitos inquietantes equivale em “deixar o leitor na incerteza de que determinada figura seja uma pessoa ou um autômato, e isso de modo que tal incerteza não ocupe o centro da sua atenção, para que ele não seja induzido a investigar a questão e esclarecê-la, pois assim desapareceria o peculiar efeito emocional.” Analogamente ao conceito de literatura fantástica, nota-se que ambos deixam o leitor incerto quanto a uma figura fazer ou não parte da realidade cotidiana. Na conceituação de literatura fantástica proposta por Roas (2001) e Furtado (1980) entendemos que sua proposta é deixar o leitor na ambiguidade entre uma explicação racional e outra sobrenatural para os acontecimentos insólitos evocados, e o leitor deve permanecer nessa incerteza durante toda a leitura da narrativa fruindo do que é proposto pelo texto.

O efeito inquietante é gerado quando há uma incerteza de que algo seja vivo ou inanimado. Nas obras de Calvino, o que gera esse sentimento talvez sejam as possibilidades da existência corporal de seus personagens, os quais, ironicamente, estão bem próximos do que chamamos de seres humanos reais: “Eram dois pretendentes partidos ao meio que, tomados pela excitação da véspera, erravam pelas quebradas e precipícios do bosque, envoltos nos mantos negros, um no magro cavalo e o outro na mula meio esfolada.” (CALVINO, 2011, p. 90) O outro: “Mesmo aquele seu miserável corpo impreciso entre o rato e o volátil era sempre algo de tangível e seguro. [...] Agilulfo com

toda aquela couraça era atravessado em cada fissura por sopros de vento, pelo voo dos insetos e dos raios de lua.” (*idem*, 2005, p. 15)

Quando lemos estes textos o angustiante pode se manifestar de forma a se tornar inquietante, a partir de algo que reconhecemos exteriormente e não conseguimos explicar de forma precisa. Quando a coisa é dotada de ação independente, ela carrega algo de muito inquietante: temos um homem que foi partido ao meio e não morreu; e uma voz que sai de dentro de um elmo vazio e que, além da armadura branca, dá existência ao que nos é invisível; a um corpo que é atravessado até pelo vento. Para Freud (2010), o inquietante sempre surgirá em casos como o da “onipotência dos pensamentos, da imediata satisfação de desejos, das forças ocultas nocivas, do retorno dos mortos.” (FREUD, 2010, p. 368-369)

Roas (2001, p. 30) faz uma distinção entre medo e angústia e depois acaba por unir esses dois sentimentos. Para ele, a transgressão que provoca o fantástico, a ameaça que supõe para a estabilidade de nosso mundo, gera uma impressão terrorífica tanto nos personagens como no leitor. Não é um medo físico nem a intenção de provocar um susto no leitor ao final da história, mas uma inquietação, uma reação de inquietude experimentada tanto pelos personagens como pelo leitor, ante a possibilidade efetiva do sobrenatural e a ideia de que o irreal pode irromper no real. O visconde é um fanfarrão, uma figura grotesca e cômica que provoca esse medo proposto por Roas, pois podemos sentir uma impressão de terror, uma inquietação, uma angústia diante dessa figura que tem a possibilidade de existência no real, e que mostra o irreal em meio à realidade.

O efeito inquietante “é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico, quando um símbolo toma a função e o significado plenos do simbolizado.” (FREUD, 2010, p. 364) Calvino parte da realidade comum multiplicando o inquietante além do que é possível nas vivências ao fazer sobrevir “acontecimentos que jamais” ou raramente “encontramos na realidade. Ele como que denuncia a superstição que ainda abrigamos e acreditávamos superada, ele nos engana, ao prometer-nos a realidade comum e depois ultrapassá-la.” (FREUD, 2010, p. 373) Diante disso, fica-nos um sentimento que é gerado pelo inquietante, por uma impressão terrorífica, que não impede que acreditemos na realidade criada pelo autor. Italo Calvino atinge o leitor

emocionalmente quando desperta nele o sentimento inquietante e de medo do desconhecido. Assim, no seu texto o leitor pode ser tomado por uma sensação de apreensão e ter contato com pessoas e lugares diferentes de sua vida diária. À vista disso, acreditamos, tal qual Lovecraft (1987. p. 6), que “quanto mais completa e unificadamente uma história comunique uma tal atmosfera, tanto melhor é como obra de arte no gênero considerado.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como expusemos, o medo é causado por aquilo que ameaça nossa inteireza física e humana. Ele guia nossos sentimentos e comportamentos, e pode vir daquilo que conseguimos ou não racionalizar. Ele nos mobiliza a questionar nosso ambiente estável e a enfrentar corajosamente um perigo avaliado. O medo mais universal, como vimos, é o da morte, o do desconhecido e, portanto, não desaparecerá da condição humana enquanto peregrinarmos na Terra. Isso posto, podemos afirmar que o insólito é um elemento causador de medo, aflição, de angústia, justamente por ser aquilo que não faz parte de nossa realidade cotidiana. Ele é o desconhecido e o criador de novas e diversas significações. Por isso, propusemos analisar o tratamento do insólito, procurando entender de que maneira ele se constrói no espaço-corpo do Visconde e do Cavaleiro, protagonistas de Italo Calvino. Ademais, pretendíamos mostrar como o insólito é um elemento causador de medo e do “inquietante”, de Freud (2010).

Acreditamos que a ficção cria, como revelou Freud (2010), novas possibilidades de sensação inquietante, que não encontramos na vida real. Essa sensação poderá vir daquilo que foi superado, que se mostra na vida e na obra, mas que pode perder-se na ficção. Já a sensação de complexos reprimidos permanece inquietante na literatura e na vida real. O escritor é aquele que mexe com nossas expectativas, com nossos afetos orientando-os a direções múltiplas para pensar e sentir o texto literário. O efeito emocional pode ser independente do assunto escolhido e, na literatura fantástica, se liga ao insólito, ao que é inesperado criando medo ou um sentimento inquietante; uma atmosfera que gera uma sensação terrorífica.

O real e o insólito precisam estar atrelados desencadeando a imaginação nos sujeitos, distorcendo o mundo para que possamos vê-lo melhor. Ele serve ao propósito de

tornar os personagens interessantes, tornar quem conta e o que conta interessante. Ele está presente nos livros supracitados de Calvino, pois se configura em característica atrativa para a perpetuação do fantástico nas obras: temos um homem dividido ao meio e uma armadura branca por onde sai a voz de um cavaleiro invisível. Por mais insólitos que eles sejam apresentados, eles são sustentados por um enredo consistente. Longe de esgotar o assunto, o insólito, o espaço e o fantástico já são, por si só, perenes e dignos de constituírem permanente objeto de estudo.

Calvino deseja que olhemos, através de seus personagens, a configuração do mundo que ele cria e que tem relação com nosso real. Por isso, nossa inquietação, nossa angústia diante de seus protagonistas insólitos. Por conseguinte, devemos estudar as outras imagens que podemos formar a partir da deles. São narrativas divertidas que mesclam aventura, leveza e humor, a partir de uma preocupação de seu autor: a pós-modernidade, na qual, via de regra, o homem se sente incompleto; alienado; vazio; capaz de satisfazer somente uma de suas partes e nunca seu todo; vivendo sempre como se algo lhe faltasse. Nas narrativas analisadas há muito de angústia, uma angústia por satisfação plena, por completude; pela busca do ser. Contudo, o Visconde e o Cavaleiro só podem pertencer ao fantástico, ao insólito. Portanto, acreditamos, tal qual Freud (2010, p. 346), que devemos ceder e tratar como uma realidade o mundo pressuposto pelo autor das obras, enquanto nos colocarmos em suas mãos.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CALVINO, Italo. *O cavaleiro inexistente*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CALVINO, Italo. *O visconde partido ao meio*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In:_____. NOVAES, Adauto (Org.). *Ensaio sobre o medo*. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc SP, 2007.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 47. ed. São Paulo: Globo, 1997.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*: além do princípio do prazer e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

ROAS, David (Org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001.